

A RESIDÊNCIA PEDAGÓGICA E OS DESAFIOS DO NOVO ENSINO MEDIO NO ENSINO REGULAR

Viviane Chagas Miranda ¹
José Antonio Ferreira Pinto ²

RESUMO

O trabalho a seguir tem como objetivo relatar a experiência vivenciada no projeto residência pedagógica, pelo curso licenciatura em física pela Universidade Estadual da Paraíba - Campus 1. Os trabalhos foram realizados entre o final de 2022 e o início de 2024. O projeto teve como objetivo levar os discentes a experienciar uma vivência plena atuando em sua futura área de atuação profissional, iniciando os trabalhos com uma preparação teórica, observação do espaço e pessoas, produção de um planejamento para, em seguida, atuar em sala de aula, estando capacitados e amparados.

Palavras-chave: Residência Pedagógica. Ensino Regular. Física.

INTRODUÇÃO

O presente projeto de Residência Pedagógica visa proporcionar aos discentes acadêmicos uma experiência formativa ativa na docência em um contexto de uma escola da rede pública de ensino. O projeto foi desenvolvido em parceria com a Escola Estadual Normal Padre Emídio Viana, localizada na cidade de Campina Grande -PB. O relato que se segue tem como objetivo retratar as experiências vividas, não apenas, em sala de aula, como em todo o ambiente escolar, como contato com outros professores, com a secretaria. Os desafios de compreender as documentações educacionais exigidas; as dificuldades de se planejar uma aula para que fosse compreensível para toda a turma; as dificuldades de se lidar com uma turma heterogênea; os obstáculos de avaliar e dar nota; além de repassar essas avaliações aos pais.

DESENVOLVIMENTO

Os trabalhos com o projeto da residência pedagógica se iniciaram muito antes do período letivo que iríamos trabalhar. Antes de começarmos a atuar como docentes de fato, tivemos que nos preparar muito para os desafios que iríamos encontrar, não só dentro da sala



¹ Graduanda do Curso de Licenciatura em Física da Universidade Estadual da Paraíba – UEPB, Bolsista do programa de Residência Pedagógica CAPES-UEPB, viviane.miranda@aluno.uepb.edu.br;

² Professor da Rede Estadual de Ensino do Estado da Paraíba, Professor Preceptor no programa de Residência Pedagógica CAPES-UEPB, antonio.pinto@servidor.uepb.edu.br;

de aula com os adolescentes, como dentro da própria escola, com a equipe de gestão e os outros docentes.

Realizamos uma série de encontros para, primeiramente, entendermos como seria o novo ensino médio e quais as barreiras que encontraríamos ao longo do ano. Também discutimos acerca do projeto pedagógico da escola, afinal precisávamos compreender o contexto em que a escola na qual iríamos atuar estava inserida. Tivemos um encontro na escola para que pudéssemos conhecer a escola, as salas de aula, o ambiente de professores, a coordenação, o laboratório da escola entre outros espaços que poderíamos usar, como nos conviesse, e ao longo do ano tivemos muita liberdade para usar cada um desses espaços.

Passado esses meses iniciais de preparação e de estudos de documentos importantes para docência, aguardamos para saber as turmas que o preceptor teria no ano letivo; assim que a escola confirmou as turmas e os horários tivemos uma reunião para que fosse decidido que turma ficaria com cada residente. Pudemos participar da dinâmica de distribuição de carga horária para os professores e como isso é complexo e angustiante. Ainda que os professores sejam efetivos da rede, dependem da formação de turmas para saber quais serão direcionadas a ele ou mesmo se permanecerão na mesma escola. Isso foi algo novo para compreender como o sistema lida com os professores: parece não haver preocupação com a continuidade dos processos pedagógicos ou mesmo com a importância dos vínculos institucionais para agregar valores, pertencimento e estabelecer confiança da comunidade com a escola.

O preceptor nos deixou livres para escolhermos a turma em que iríamos trabalhar, de acordo com os dias das aulas a serem ministradas. Com as turmas devidamente designadas seguimos para a fase de observação e planejamento dos conteúdos a serem ministrados ao longo do ano. Primeiro nos reunimos para fazermos a divisão por bimestre, que seria menos complicado, e em seguida cada aula de cada bimestre. O preceptor nos auxiliou sobre como abordar certos conteúdos nas turmas de 2º Ano, pois esses alunos tinham estudado com ele no ano anterior. Isso se deu porque as turmas de segundos anos passaram a fazer parte do Novo Ensino Médio (NEM), o que significou, entre outras coisas, uma nova estrutura curricular, fazendo com que objetos de conhecimentos que antes eram trabalhados em uma série passassem a fazer parte de outra.

Três dos cinco residentes ficaram com as turmas de 2º Ano, enquanto eu e outro colega ficamos cada um com um 1º Ano. Por serem novatos na escola, não tivemos o contato prévio e portanto, não tínhamos um parâmetro claro de como seria mais ou menos a turma. Por outro lado, ao estudarmos os documentos e conhecer o público que normalmente compõe o corpo discente da escola, e por sabermos que a turma anterior de primeiro ano vinha do mesmo

contexto que compunha a última turma, no caso a Escola de Aplicação que tem até o 9º ano e é vizinha à Escola Normal, tínhamos uma ideia do que esperar e de como iniciar o planejamento

Com os conteúdos previamente selecionados - claro que tivemos que reajustar alguns desses conteúdos ao longo do ano - foi o momento de nos prepararmos para de fato atuarmos como docentes. Particularmente esse momento foi carregado de ansiedade e medo de como seria a turma, se seriam tranquilos, agitados, indisciplinados, se me escutariam, se eles conseguiriam me entender quando começasse a explicar o conteúdo, se conseguiriam fazer por si mesmo nas provas e atividades.

O preceptor nos recomendou que no começo não passássemos muitos conteúdos, para que entendêssemos como era a dinâmica da sala. Foi o que fiz com a minha turma, na primeira aula fiz uma apresentação sobre mim, perguntei sobre eles, e expliquei como eu faria as avaliações. Foi uma conversa bem interessante, e importante, pude entender um pouco sobre eles, embora a turma fosse grande, em média 34 alunos; houve certa flutuação entre os alunos, pois sempre tinha aluno saindo da escola, por transferência ou evasão e outros chegando, sendo matriculados.

Quando comecei com os conteúdos percebi uma boa participação e compreensão por parte da turma, porém percebi que não podia esperar muito para avaliar eles, pois se demorasse mais de uma semana eles demonstravam certa dificuldade em se lembrar do conteúdo, então eu tinha que fazer uma pequena revisão com eles; observei que muitos tinham resistência de fazer anotações e isso foi um obstáculo. Tive que ser um tanto incisiva nesse ponto, já que muitos dos exemplos eram escritos na lousa, e seria importante que eles tivessem eles no caderno para que estudassem; percebi que eles não anotavam, pouquíssimos faziam, então perguntei a eles se eles passavam o conteúdo a limpo quando chegavam em casa, e a resposta foi “Sim professora!” “Claro professora”; então na primeira atividade avaliativa que fizemos eu disse que poderia ser com consulta no caderno, houve reclamações do tipo: “professora eu tenho anotado no celular”; da impossibilidade de usar o celular, os pouquíssimos que tinham as anotações se saíram bem. Na aula seguinte, a maioria esmagadora estava com o caderno aberto e fazendo as devidas anotações. Depois disso não fiz todas as provas com consulta, mas eles estavam exercitando a escrita, nem que fosse apenas na minha aula.

Após o estabelecimento de uma dinâmica didática e pedagógica com os alunos, surgiram outros desafios, como avaliar individualmente sua participação, comportamento, e outros aspectos esperados dos estudantes. Para isso a escola tem uma planilha com algumas rubricas que auxiliam essa avaliação qualitativa.

Durante o ano foram trabalhados temas de mecânica, na disciplina de física e com um itinerário formativo sobre ficção científica. Apesar das aulas serem em sua maioria tradicionais, expositivas e dialogadas, muitas coisas interessantes foram surgindo com a participação dos alunos. Isso acabou impactando minha prática, tendo em vista que comecei a ter mais confiança para ousar outros métodos e estratégias, como atividades práticas e experimentais. Culminou com a minha atuação na eletiva que desenvolvemos e aplicamos no segundo semestre, com caráter totalmente experimental. Essa experiência foi muito importante, pois me deu uma nova percepção da sala de aula e de como mudam as dinâmicas entre docente e discentes durante aulas experimentais.

Nos conselhos pedagógicos, quando discutimos sobre os alunos com outros professores, percebemos que alguns deles se saíam bem em determinadas aulas, mas não em outras; alguns alunos tinham muitas faltas em alguns componentes curriculares, mas não tinham faltas com outros professores, o que resultavam em discussões acerca dos motivos que levavam a esses comportamentos; algumas das reflexões levavam em consideração questões relativas a preferências por certas áreas, déficits de aprendizagem em decorrência da pandemia e atividades extra escolares como trabalho e obrigações domésticas.

Durante os conselhos, que aconteciam no final de cada bimestre, nosso preceptor nos deixou completamente responsáveis por falarmos sobre os nossos alunos, afinal quem estava atuando em sala de aula éramos nós. A escola conta com uma planilha online em que os professores colocam as notas antes do conselho, para que sejam finalizados os boletins; nós mesmos colocamos as notas nesse sistema, após o preceptor nos ensinar através de um minicurso a como mexermos nessa planilha, já que se não estivéssemos com atenção redobrada poderíamos estar colocando as notas da nossa turma em outra turma, ou pior, em outra disciplina. Percebi que não eram todos os professores que respeitavam as datas, e durante os conselhos isso ficava nítido.

As relações fora sala de aula foram muito enriquecedoras. Antes de iniciar o projeto da residência pedagógica eu havia concluído uma componente curricular chamada estágio supervisionado 1, onde atuei como professora em uma turma de nono ano, e o único contato extrassala de aula foi com a gestora para que ela assinasse os documentos que a universidade exige, depois disso não tive mais contato nenhum com a coordenação, nem com outros professores, além do professor regente da turma em que eu estava atuando. Então, quando a residência pedagógica proporcionou esse contato com o extra sala de aula foi muito bem vindo para que a dinâmica de como a escola funcionava fosse ainda mais clara, porque, embora nosso preceptor tenha nos explicado, é diferente de vivenciarmos por nós mesmos.

Não tivemos contato com o gestor no começo do ano letivo, pois ele faleceu, e a escola ficou um tempo sem gestor, ficando a cargo dos professores e coordenadoras tomar decisões para manter o mínimo de funcionamento da escola. A coordenação da escola sempre foi muito solícita quando precisávamos, fosse para imprimir atividades, ou qualquer outra necessidade, foi uma relação bastante amistosa. Com os outros professores também não houve nenhum grande problema, apenas alguns professores tinham algumas falas problemáticas, e alguns comentários feitos no primeiro conselho, que decidimos manter uma certa distância dele, não foram comentários sobre nós, os residentes, mas sobre alunos e como desejariam ser tratados. Fiquei um pouco impactada por esses comentários estarem sendo proferidos por professores.

Depois dos conselhos tínhamos os plantões Pedagógicos com os pais dos alunos, e estaríamos à frente da nossa própria classe, esse foi outro desafio, nosso preceptor foi muito presente em nos orientar a como deveríamos tratar os pais dos alunos, ele sempre dizia que “não importa o aluno que você tenha, ele pode ser o pior aluno da escola, mas ele ainda é o filho de alguém, o neto de alguém, então respeito quando for falar dele”, isso me fez olhar para aqueles pais de outra forma, às vezes o aluno nem merecia tanto cuidado, mas os pais deixaram o trabalho para vir até a escola, e com certeza não o fizeram para que um ‘desconhecido’ menospreze seu filho. Outra coisa que nosso preceptor nos orientou foi que ao se referir a algumas atitudes dos alunos deveríamos usar as definições das palavras, mas nunca a palavra em si, exemplo: “seu filho tem o tempo dele para realizar as atividades, é mais lento que o restante da turma, seria bom que ele corrigisse esse comportamento” ao invés de chamar o aluno de preguiçoso, essa orientação vou levar para a vida.

Já no final do ano houve outros desafios, como lidar com alunos que estavam com pendências, alguns quase não apareciam nas aulas em praticamente o ano todo e no final chegavam com um “Oi professora, como está minha situação?”. Esses alunos foram casos complicados no conselho final, pois alguns estavam realizando as atividades em outras componentes curriculares, mas não na minha. Foi difícil que tivemos que reter alguns alunos para que fizessem a mesma série no ano seguinte, porém não tinha o que fazer. Logo após o último conselho houve o último plantão pedagógico, e então foi o fim das nossas atividades na escola.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A realização do projeto residência pedagógica é, e foi, de suma importância para o desenvolvimento de habilidades que serão extremamente úteis para a jornada docente futura,

ensinamentos que serão levados como base e servirão como norte. No decorrer dos trabalhos, foi nítido perceber que a vida de um docente é muito além daquelas horas passadas em sala de aula, com os alunos, na verdade essa é a parte menos complicada, quase terapêutica, em relação com todo o universo de situações em que devemos lidar e ter um certo 'jogo de cintura' para conseguir passar bem por essas situações. O planejamento que devemos fazer das aulas demanda muito mais tempo do que a aula em si, é como montar um quebra cabeças em que as peças são os adolescentes que podem colaborar ou não para aquela aula em que se passou tanto tempo planejado, como residente percebi que, as coisas nem sempre irão sair da forma que você planeja em seu cronograma, caso não saia, lá vão estar o docente outra vez gastando horas para fazer um outro planejamento, seja para atender as demandas da escola, seja para atender uma demanda de conteúdo a serem ministrados, outra vez voltando para aquele quebra cabeças.

AGRADECIMENTOS

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) e ao Programa de Residência Pedagógica CAPES-UEPB.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília, 2018.

VEIGA, I. P. A. **Projeto Político-Pedagógico da escola: uma construção possível.** Campinas/SP: Papirus, 1996.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **NBR6023: informação e documentação - referências - elaboração.** Rio de Janeiro, 2018.

BRASIL. Ministério da educação. Portaria Normativa Nº 16, de 18 de maio de 2016. Institui o Programa de Residência Pedagógica e dá outras providencias. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 19 maio de 2016.